

A Tancredo, de novos poetas

A comoção nacional com a doença e a morte do Presidente Tancredo Neves exprimiu-se também em forma de poesia. Poetas consagrados ou simplesmente publicados leram seus poemas na televisão; poetas inéditos ou desconhecidos enviaram seus versos aos jornais. De centenas de trabalhos recebidos de seus leitores, o JORNAL DO BRASIL publica alguns.

caderno

B

ELEGIA

E ti te foste.
De mansinho, afinal,
devagar e sempre, te foste.
Seria preciso esse esmero mineiro
até para morrer
e nos matar de tristeza?

A verdade é que te foste.
Aos pouquinhos.
Talvez para acostumar-nos à ideia
de perder-te para sempre.

Mas perder-te para sempre
e ainda por cima aos pouquinhos?
Não, não nos acostumamos.
Não o merecíamos.
Depois de tanta escuridão,
não merecíamos ver o sol se pôr
antes mesmo de nascer.
Não o merecíamos.
Ou merecíamos?
Talvez — eis tudo — não te merecêssemos.
Talvez que fosses bom demais
em face de tantos escândalos
cometidos em nosso nome.

O fato — consummatum est — é que te foste.
Aos pouquinhos.
A princípio não acreditávamos
e fazíamos — incorrigíveis brasileiros! — até piadas.
O velhinho é forte, ele se safa, dizíamos carinhosamente,
e nos lembrávamos de tua decantada saúde,
do teu jeito fagueiro,
de teu riso manso,
de teu fôlego incansável;
rememorávamos tuas jornadas de pregação
Brasil adentro, Brasil afora, mundo afora,
e sossegávamos.
Mas uma tristeza inexorável veio caindo
Brasil abaixo,
como um imenso bloco granítico
ensombrecendo a pátria,
arrancando soluços e orações
céu acima,
e hoje é esta angústia geral

Brasil abaixo Brasil, acima Brasil afora Brasil adentro
[mundo afora almas adentro.

Este pranto céu acima.

Ó tristeza!

Porque, cordeiro do século vinte, abste-
te deixaste imolar

em favor de nossa liberdade,
mal saíamos de um túnel comprido,
para que não houvesse mais túnel;

como a escreveres com teu único e absurdo sangue
nossa carta de alforria.

E ontem, ainda,
Gandhi da América;

levantavas àquelas multidões
um grito de paz

como há muito não se via nem se ouvia.
E lhes dás hoje, com teu sacrifício
adivinhado e sufocado

apenas para que lhes não sufocassem de novo o alento da
[liberdade,

afinal, agora sim:
o sol da liberdade em raios fúlgidos...

Nunca mais seremos os mesmos.

Como crescemos em tua agonia!

A semelhança mesmo do cordeiro,
dividiste-nos em dois tempos:

Brasil a.T., Brasil d.T.;

antes de ti, depois de ti.

Depois não haverá mais trevas,
a não ser a lembrança deste negror de hoje.

E a saudade de ti será perene,
e não será apenas um retrato na parede,
apesar de doeres, e muito.

Os sinos da terra, já os sentimos dobrar dentro de nós.

Engraçado, eles não choram;

cantam altaneiros do alto de suas torres
o canto da nossa liberdade

suada, chorada, sentida, amargada
na tristeza de hoje.

Os sinos de Minas, mais uma vez:
de onde vieste, para onde vais
ficar eternamente
no coração sangrando do Brasil

José Eustáquio Cardoso — Niterói (RJ).

ACRÓSTICOS

Tancredo, multidões inteiras
Acompanham teu último itinerário
Não contendo as lágrimas que, como os rios,
Correm livres pelas faces entristecidas.
Rezando em coro e em uníssono, clamando que a
Esperança não morrerá.
Do teu sacrifício pelo povo ficará
O símbolo de uma nova nação.

Sirlei Albuquerque — Rio de Janeiro

Tão difícil a partida...
As lágrimas te prendiam a nós.

Navegavas procurando um rumo

Como um barco perdido na noite.

Rumaste então para o infinito imenso

Em brilho maior te transformaste

Dando-nos força e esperança.

Orgulho pela pátria querida.

Nada nos deterá!

E embalados no teu sonho

Veremos o Brasil crescer

Estaremos sempre unidos

Sempre unidos na tua lembrança.

Wanda Saldanha — Rio de Janeiro

ITINERÁRIO

Brasília 22/4/85

Bandeiras a meio-pau
plange no ar o Hino Nacional.
O longo Calvário terminado
sobe a rampa do Planalto
o filho dileto, o pranteado
que morto, deixa o Brasil ressuscitado.
O povo aplaude em pranto
o que sobe atrasado.
O céu de Brasília incendiado
reflete a chama de esperança
que o filho pleno de ideal
acendeu no país desgovernado
quando despertou esquecidos sentimentos
de paz, justiça, dignidade, oração
e fé na unidade nacional

Meteoro de amor na Bandeira enrolado
desce a rampa, o pranteado.
De honras coroados, amigos cercado, escoltado
pelo povo simples sempre aclamado
o amigo voador, a semente ficou,
a esperança persiste, o ideal enraizou.
Empossado foi no coração de cada irmão que amou

Brasília 23/4/85

Brasília 24/4/85

Lenços brancos acenando, bandeiras gemendo a tremular.
É o lamento do povo a chorar.
Tancredo, passarinho, três dias a voar,
quando pouso, repouso e se vai.
Faz nascer de novo a esperança no povo.

São João del Rey 24/4/85

Não pisa o solo amado, é alçado
mas breve nele irá descansar.

Os sinos a dobrar, dobrar, dobrar...

Finados ressoa no ar.

Fábricas a apitar, Maria-Fumaça a resfolegar
lançando no azul branca espiral de paz.

O povo nas janelas, pétalas a cair,
irmãos tentando em vão o pranto reprimir.

Tancredo, Tancredo! Tancredo!

Grito de dor cortando o ar.

Enlutada a matriz, São Francisco a esperar
o chão atapeitado para o irmão passar.

Mais povo a visitar, todos a orar.

Anoitece, São João não quer seu filho enterrar.
Quem crê em Minas não morrerá.

Dona Risoleta, mineira de coração de ferro e ouro.

Adda Sampaio — Rio de Janeiro.

PASSAGEM

Tuas montanhas de ferro
não protegeram o teu áureo peito.

Mas a dor não adormeceu a nação
nem nos roubou a tua herança.

A pátria é um pássaro
aprendendo a voar.

A pátria é um pacto
entre o povo e o sonhar.

Sagrado aquele que susta o silêncio
e apaga o escuro.

Tancredo,
o povo elegeu a esperança
para presidir o futuro.

José Antônio Cavalcanti — Rio de Janeiro.

Brasília 24/4/85

Brasília 25/4/85

Brasília 26/4/85

Brasília 27/4/85

Brasília 28/4/85

Brasília 29/4/85

Brasília 30/4/85

Brasília 1/5/85

Brasília 2/5/85

Brasília 3/5/85

Brasília 4/5/85

Brasília 5/5/85

Brasília 6/5/85

Brasília 7/5/85

Brasília 8/5/85

Brasília 9/5/85

Brasília 10/5/85

Brasília 11/5/85

VIA CRUCIS

De repente começa
a Procissão da dor.

Primeiro passo
alquebrado,
sobre o andor,
à sua/nossa cruz
se submete o Senhor.

Pelas montanhas minerais
ainda ecoa o grito da multidão:
Muda Brasil

Lentamente
se arrastando vem
a procissão da dor.

Segundo passo
sobre a cruz
cai o Senhor.
Socorrem-no homens de branco.

Pelas mantiqueiras e caparaós
ressoa o brado do Povo:
saúde Presidente.

E se arrastando vem
a procissão da dor.

Terceiro passo
a Primeira Dama consola o Senhor
e ao seu povo oferece
uma mensagem de amor.

E se arrastando vem
a procissão da dor.

Quarto passo
Verônica enxuga-lhe a face:
fica registrado para a História
com sangue, suor,
velas, figas, bíblias,
santos e orixás,
o sofrimento do Senhor
e de seu povo.

E se arrastando vem
a procissão da dor.

Quinto passo
cai mais uma vez o Senhor
e, pungente,
ferindo as almas,
sai o seu lamento:
Oh vós
que passais pelo caminho
Olhai e vede
se há dor
maior do que a minha.

Arrastando se vai
a procissão da dor.

Sexto passo
não respira quase o Senhor.
Mais homens-de-branco acorrem
[ao andor

Incansável
O povo se dá as mãos
e canta um hino de esperança:
fica Presidente,

nos salva deste caos-inflação,
nos dá um motivo de viver,
liberdade, alegria e pão.

Arrastando se vai
a procissão da dor.

Sétimo passo
cai mais uma vez o Senhor.
E não se levanta mais.

Sinos dobram
e matraca choram
a agonia do Senhor.

Ao ritmo da banda fúnebre
o povo adentra
o Templo do Planalto

e triste, sem desespero,
forte entoa o hino da esperança:
volta Presidente,
o Brasil te espera
pela Páscoa-Ressurreição,
atapetando as nossas ruas
com as nossas mais lindas flores
e, nas janelas coloniais,
aquelas ricas colchas
dos melhores dias de então.

Fica Presidente fica.

Espera,
espera ainda
o Brasil.

Joana del Rei — Rio de Janeiro.

FRUTO

Pelas ruas vai desfilando
a casca.

Não uma qualquer casca
mas aquela única
que até ontem contivera
a polpa
determinando a particularidade de ser
de ser.

Pelas ruas desfila a casca
esvaziada de seu conteúdo
mas portadora, ela mesma,
de todas as características
do vivo
agora morto.

Sem polpa, o que é a casca?
Sem casca, onde mora a polpa?

Na superfície à mostra da casca
nos sulcos de dor
nas riscas de prazer
nas rugas
lentamente esculpidas pelo tempo
ainda escorre um resto de presença
como se o dentro moldasse o fora.

